

# TRAJETÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DE MULHERES DE ORIGEM PORTUGUESA NO ALÉM-MAR

*Maria Christina Siqueira de Souza Campos\**  
*Paulo Henrique Lunardelo\*\**

**Resumo:** Diversos trabalhos acadêmicos têm abordado a questão da família brasileira, mas poucos têm se debruçado mais recentemente sobre a família portuguesa no estrangeiro. Este texto analisa trajetórias e representações de mulheres oriundas de Portugal que estão vivendo em diferentes países em decorrência dos fluxos migratórios que de lá saíram por motivos diversos. Neste estudo foram analisados relatos de mulheres estabelecidas no Canadá e nos Estados Unidos – com base em dois trabalhos desenvolvidos por outros pesquisadores – e na Alemanha bem como no Brasil, colhidos pelos autores deste texto. A análise dos relatos orais mostrou que certos traços são comuns às mulheres que vivem nesses quatro países, um sinal importante da força da cultura portuguesa, enquanto outros revelam as especificidades dos locais em que as imigrantes e suas descendentes se integraram.

**Palavras-chave:** Mulheres portuguesas no além-mar. Relatos orais. Estrutura familiar. Práticas e representações.

## Introdução

Já dizia Engels (1985) que para se conhecer o grau de desenvolvimento de uma dada sociedade um bom indicativo é analisar o papel que as mulheres desempenham e a liberdade de que gozam nessa sociedade. No tocante à realidade brasileira do começo do século XX, em uma sociedade opressiva, agrária, machista e pouco culta, a condição de ser mulher-imigrante constituía dupla causa de preconceito e sofrimento, o que se infere tanto de leituras sobre esse período como dos relatos obtidos em estudos comentados adiante.

Diversos trabalhos acadêmicos discutem a questão da família brasileira, alguns mais antigos, como o de Gilberto Freyre, cuja descrição do modelo de família patriarcal levou muitos à conclusão ser esse o modelo de família vigente em toda a sociedade brasileira da época, “A mulher da família patriarcal (chamada sinhozinha) apresenta o perfil delineado pelo autor pernambucano quanto à docilidade e passividade, com atividades voltadas mais para o interior da casa-grande” (NEDER,

---

\* Socióloga e Professora Doutora da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. Diretora Primeira Secretária e pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU-NAP/USP. [mccampos@usp.br](mailto:mccampos@usp.br)

\*\* Graduando em Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo e bolsista de iniciação científica do CNPq no sub-projeto.

1997), pelo menos até o começo do século. Também muito citada, a análise de Antonio Candido trouxe uma significativa contribuição, já que mostrou que essa retratação da realidade não se sustentava sempre, mesmo na elite, pois, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, as mulheres, na ausência do marido eram bastante ativas e dinâmicas na direção das propriedades rurais. Como consequência da divulgação de diversos estudos sobre a família brasileira em diferentes momentos e analisando diferentes classes e aspectos (BRIOSCHI; TRIGO, 1989; SAMARA, 1980, 1983, 1992; DIAS, 1984; BRUSCHINI, 1985, 1990; HAHNER, 1981, entre outros), pôde-se conhecer mais a fundo todas as nuances que o grupo familiar no Brasil pode apresentar.

O avanço da mulher na sociedade ficou ainda mais marcante nas sociedades ocidentais, após a década de 1960, em que houve uma grande mudança na cultura e na vida social, em decorrência das transformações econômicas constantes. Os processos de urbanização e industrialização, que se acentuaram no Brasil a partir de 1930, provocaram mudanças significativas no âmbito familiar, levando a que o papel de “chefe de família”, desempenhado pela mulher desde há bastante tempo, adquirisse um peso significativo no âmbito doméstico, tendo este chegado na década de 1990 a chefiar 19,5% e 18,6% dos lares no Nordeste e Sudeste respectivamente (CARVALHO, 1995).

Como todas as transformações em curso, as mulheres passaram a gozar de maior autonomia, livre arbítrio e a superar vários tabus, entre os quais a virgindade antes do casamento desempenha um papel fundamental. O surgimento da pílula anticoncepcional levou a uma acentuada queda da natalidade e à consequente diminuição do número de membros da família. Por fim, o casamento, como o tradicional primeiro e, talvez, único destino das mulheres no passado, perdeu sua importância e as relações consuetudinárias se tornaram muitas vezes a regra, ao menos por certo espaço de tempo antes de se formalizar a união.

No mercado de trabalho as mulheres avançaram sobre profissões antes “exclusivas” de homens, como o exercício das profissões liberais prestigiadas, especialmente a advocacia e a medicina, e o trabalho na gerência de empresas, entre outras. Esse avanço foi em grande parte devido a uma elevação de seu nível educacional, ao aprimoramento de sua formação e a uma mudança lenta, mas significativa, nos valores vigentes na sociedade.

Elas passaram a ter, então, uma dupla carga de responsabilidade, trabalhando fora de casa para sustentar ou colaborar no sustento dos filhos e dentro do lar para manter a casa em ordem e limpa, além de cuidar dos filhos. Sua contribuição para o sustento da família é vista, na maioria das vezes tanto pelo marido como por ela própria, como “uma ajuda ou complementação” daquilo que o “chefe” da família traz para a casa, visto como o “responsável” pelo sustento do lar.

Este texto baseia-se em pesquisa mais ampla que objetivou estudar os imigrantes portugueses em suas vivências e representações culturais no interior do Estado de São Paulo, chegados ao Brasil na primeira metade do século XX; o propósito foi contribuir para a reconstituição da história social do processo de imigração e integração desse grupo na vida local, tentando compreender como, na atualidade, esse contingente da população nacional vivencia sua identidade luso-

brasileira. Entre outros aspectos, procurou-se investigar o papel que a mulher-imigrante portuguesa, bem como suas descendentes desempenhou dentro e fora do ambiente doméstico, através da coleta de relatos orais de mulheres de origem portuguesa, que residem na região de Ribeirão Preto<sup>1</sup>. O estudo iniciou-se em 1997 e prossegue até o momento atual. O conjunto de imigrantes entrevistados divide-se nitidamente em dois grupos: aqueles chegados até 1930 e os que vieram posteriormente. A distinção é perceptível no que se refere à maneira como encaram sua vinda para o Brasil, o tipo de relacionamento mantido com a pátria de origem e a questão da identidade.

Sem dúvida a emigração constitui um momento importante de rompimento na vida dos que emigram. O povo português destacou-se no decorrer de sua história como um povo voltado para o exterior, procurando desde o início de a Idade Moderna encontrar novos espaços para viver em terras do além-mar. Esses deslocamentos assumiram feições distintas, quer se trate da ocupação de terras da África, do Novo Mundo e do Oriente mais longínquo como colonizadores, quer se trate dos fluxos migratórios que levaram grupos de portugueses para regiões anteriormente colonizadas por eles ou, ainda, para outros países que ofereciam melhores condições de vida a partir do século XIX.

## **A família portuguesa**

Torna-se interessante lembrar aqui as contribuições que um trabalho já antigo, realizado por Willems (1955), trouxe para o estudo da família portuguesa e suas contradições, dentro de uma Europa que, depois da Segunda Guerra, passou por um profundo processo de industrialização e de modernização de suas estruturas sociais. Assim será possível traçar-se um paralelo entre o que foi descrito por Willems como vigente em Portugal e o que se encontrou no interior do Estado de São Paulo.

Os países ibéricos, em especial Portugal, ainda estavam sob regimes ditatoriais fascistas e apresentavam traços de sociedades agrárias, atrasadas e subdesenvolvidas. A família era -como ainda continua sendo - uma instituição fundamental para se entender a realidade portuguesa e a situação da mulher, já que é encarada como célula social básica de reprodução da ordem e das tradições culturais.

A maior parte do trabalho assalariado era reservado aos homens, principalmente as atividades liberais e as realizadas em órgãos públicos, cabendo às mulheres o trabalho de baixa qualificação e remuneração. A mão-de-obra feminina era composta basicamente por mulheres provenientes das classes mais baixas e estas se dedicavam principalmente às atividades rurais e, nas zonas urbanas, ao trabalho como empregada doméstica ou em pequenas lojas.

---

<sup>1</sup> A pesquisa que estuda os portugueses no interior paulista foi coordenada por Maria Christina Siqueira de Souza Campos. Faz parte de um projeto integrado que foi realizado por pesquisadores do CERU com o apoio do CNPq. Os outros dois subprojetos estudaram os imigrantes portugueses na capital paulista e os luso-africanos em Portugal.

Em relação às mulheres de classe mais alta, constatam-se significativas mudanças em relação ao que a literatura descreve como vigente nos fins do século XIX e início do XX. As transformações referem-se principalmente ao acesso à educação e em especial ao ensino superior, à possibilidade de exercício de atividades remuneradas, enfim ao desaparecimento da ociosidade, características estas muito valorizadas nas elites lusas e que foram tão bem retratadas por vários romances<sup>2</sup>. Isso, entretanto, restringiu-se às mulheres solteiras, pois as casadas continuavam a ser cercadas de muitos cuidados, não se dedicando nem às lides domésticas, já que contavam com criadagem numerosa, nem a quaisquer atividades fora de casa, pois sua reputação tinha que ser mantida a qualquer custo.

As mulheres na sociedade portuguesa tinham que zelar pela respeitabilidade e castidade, fundamentos para a realização de um bom casamento, pois havia um distanciamento entre os sexos e um controle rígido sobre os relacionamentos dos jovens, principalmente de classe mais elevada. A aproximação entre jovens era cercada de formalismos, mas em várias localidades já se mostrava em declínio esta tradição e não era raro o intercurso sexual entre os noivos, afirmando Willems (1955) que seria provável que “não constituía desvio de algum padrão estabelecido, mas que seja a guisa de outras culturas campesinas da Europa, um costume genuíno que sobreviveu, pelo menos nas classes inferiores, a todas as tentativas pelo ideal da castidade pré-nupcial” (p. 14). Considerando a frequência das relações pré-conjugais nas zonas rurais, não é de se estranhar que não se atribuisse um valor absoluto à virgindade e que não se rejeitasse a moça deflorada como possível pretendente ao matrimônio, acrescenta ainda Willems (1955). É preciso lembrar ainda que isso se dava nas zonas rurais e nas classes inferiores, a situação era outra nas classes médias e superiores, pois as chances de casamento para essas moças diminuía consideravelmente se tal ocorresse.

A união entre cônjuges dependia da classe social e da localidade de origem, pois o casamento não era encarado somente com propósitos sentimentais, mas também pela perspectiva do dote e a possibilidade de herdar uma propriedade, que compensava a virgindade perdida ou até a existência de um filho ilegítimo, segundo a unanimidade dos entrevistados por Willems (1955). A instituição do dote, ainda vigente na década de 50 em Portugal, tinha um papel considerável na escolha do cônjuge, no sentido de restringir o círculo de pessoas aceitáveis como parceiros matrimoniais, mas não impedindo que, dentro desse círculo, o amor romântico fosse o critério mais importante de seleção. Como a tendência era a de prevalecerem considerações de ordem econômica sobre as de ordem sentimental, os casamentos não ocorriam muito cedo, sendo comuns os noivados longos, até que os noivos estivessem em condições de iniciar a vida matrimonial.

Diferentemente da estrutura da sociedade brasileira, onde predominou na elite o patriarcalismo, em Portugal o matriarcalismo foi dominante, principalmente entre as classes mais baixas, decorrente, em grande parte, do fato de Portugal ter sido um país de emigração por séculos, característica que só iria se alterar no final

---

<sup>2</sup> Pode-se destacar os livros *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, e *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco.

dos anos de 1980. Isso fez com que a mulher portuguesa, por arcar não só com todo o trabalho da terra, como também com o da administração da propriedade e dos negócios, do mesmo modo que com a tomada de decisões relativamente à vida familiar e às atividades econômicas, possuísem uma posição bastante definida e estável com ascendência econômica evidente. Em certas regiões era a linha feminina que prevalecia para efeitos de nome e sucessão. No relato de um entrevistado de Willems (1955), era sua mãe sozinha em Portugal que sustentava a casa e cuidava dos filhos com seu trabalho braçal, enquanto o pai se encontrava no Brasil. Depois que a família toda se mudou para o Brasil, o pai reassumiu o papel de “chefe da casa”, de acordo com as normas e os costumes brasileiros da época.

Outra diferença importante decorria do fato de que nas classes inferiores em Portugal a propriedade tinha um papel considerável, enquanto que nas classes mais desfavorecidas do Brasil rural havia a predominância de assalariados, colonos e parceiros. Nem a família, nem a comunidade tinham força de agregação e controle sobre os indivíduos que mal atingiam a idade adulta e já abandonavam a casa paterna à procura de emprego.

O sociólogo português José Manuel Sobral, em um estudo bem mais recente (1993) e restrito em termos de área abrangida e com outro enfoque, analisou duas pequenas localidades no Norte de Portugal, constatando muitas semelhanças entre o que Willems havia descrito para a década de 1950 e o que ele encontrou ao fim da década de 1980. A região estudada é caracterizada por forte produção agrícola, em particular produção vinícola.

A descrição que faz do namoro e do casamento mostra muita similaridade com aquela feita com Willems (1955), evidenciando que, embora já pudessem ser constatadas muitas mudanças, alguns traços básicos haviam se preservado. O namoro continuava sendo uma instituição pública, constituindo a única ocasião em que era permitido o contato entre jovens de ambos os sexos. As qualidades mais valorizadas e requeridas para a efetivação do namoro eram a capacidade de trabalho, além de uma boa reputação moral.

Assim como disse Willems (1955) referindo-se a algumas décadas atrás, Sobral mostra que o namoro continuava sendo longo, devendo ser um teste para a viabilidade da união futura, que deveria se dar dentro de certos limites sociais precisos. Não só a família dos pretendentes, mas também a opinião pública da aldeia tinham um grande peso em termos de aprovação ou não do relacionamento entre as famílias em questão. A opinião pública, segundo Sobral, era expressa principalmente pelas mulheres que controlavam os “assuntos da esfera doméstica”, havendo até alguém que era considerado o guardião da notícia local, sempre informado sobre a forma como as moças se comportavam.

A virgindade ainda constituía o padrão de comportamento ideal para a mulher, mas vários indícios nos fins da década de 80 mostravam a existência de relações pré-conjugais com o futuro parceiro. Do mesmo modo continuava sendo muito raro o divórcio e mais ainda a infidelidade feminina; prostituição também era inexistente.

Conduzindo o namoro naturalmente ao casamento, vários fatores continuavam a entrar em questão: capital econômico e social disponível, incluindo-se neste uma espécie de capital moral, advindo da respeitabilidade individual e familiar de cada um dos parceiros. Como destaca Sobral, “o casamento é o

reconhecimento das qualidades veneradas em cada grupo social, claramente realçadas, quando alguém se afasta delas” (p. 196).

Para Sobral há uma correlação inversa entre a posição social e a importância da localidade como área de matrimônio. Quanto mais se ascende na escala social, menor peso tem a terra de sua naturalidade como área de mercado matrimonial, especialmente porque diminui a possibilidade de escolha de parceiros do mesmo nível social. Constatase um aumento da importância da educação escolar mais prolongada e da formação profissional em comparação com a propriedade fundiária, fazendo com que o diploma possa cobrir uma distância social pela ausência da propriedade.

O autor mostra que todo casamento implica gastos vultosos para os cônjuges, embora não haja transferência formal de propriedade para os noivos ou muito menos o dote. Após o evento, sempre realizado em igreja católica, há um almoço festivo que representa uma despesa considerável para a família dos noivos, reunindo-se, então, toda a família e amigos, bem como as pessoas mais importantes da sociedade local, para demonstrar a união não só de duas pessoas, mas sim de duas famílias.

Esse quadro mostra, tal como foi pintado por Willems e Sobral, uma imagem forte da família em Portugal, evidenciando todo o peso dessa instituição básica da sociedade portuguesa, e contribui certamente para a compreensão da realidade encontrada entre as representantes dessa nacionalidade como imigrantes no interior do Estado de São Paulo. Mas, antes de se referir a estas, torna-se interessante ainda verificar como se têm apresentado imigrantes portuguesas em alguns outros lugares para os quais se dirigiram em sua diáspora.

### **Famílias portuguesas no Canadá, nos Estados Unidos e na Alemanha**

O estudo das práticas e representações de mulheres de origem lusitana vivendo nos EUA e no Canadá baseou-se na análise de textos publicados por outros pesquisadores, que permitiram uma comparação com os relatos orais de famílias de origem portuguesa que emigraram para a Alemanha e para o interior do Estado de São Paulo, no Brasil, dois estudos levados a efeito pela primeira autora deste texto. Isso possibilitou verificar os pontos em comum e divergentes em termos da manutenção de valores e costumes da tradição lusa em países com estruturas sociais tão diferentes em comparação com os países da Península Ibérica, bem como analisar o que foi transmitido de uma geração para a outra no estrangeiro, o que foi conservado e o que foi modificado pelos descendentes em relação àquilo que fazia parte das tradições e origem.

A imigração portuguesa para os **Estados Unidos** concentrou-se principalmente no Estado americano de Massachussetts, em especial nas cidades de New Bedford, Fall River e Tauton. A imigração iniciou-se na época das expedições baleeiras (retratadas por Melville em *Moby Dick*), realizadas com base em mão-de-obra masculina predominantemente oriunda dos Açores e Cabo Verde. Contudo, a imigração em massa de famílias portuguesas (originária principalmente dos Açores e em menor proporção da Madeira e de Portugal continental), bem como a formação de enclaves na região, data do final do século XIX e começo do século XX.

Os imigrantes portugueses trabalhavam na florescente indústria têxtil como mão-de-obra barata e, já na década de 1920, constituíam o maior grupo étnico no Sudeste de Massachussets. Posteriormente, entre 1960 e 1980, com a chegada de novos e sucessivos contingentes imigratórios, expandiram e reconstruíram os enclaves portugueses na região. Embora esses novos imigrantes fossem econômica e educacionalmente mais estratificados que os contingentes anteriores, a maioria começou sua vida como operários nas fábricas de trabalho intensivo (como as de confecção e de produtos eletrônicos), que se instalaram na região, num período caracterizado pela reestruturação da indústria americana. A mudança dos Açores para a América foi particularmente dramática, porque implicou a emigração de ilhéus radicados em zonas rurais e pequenas aldeias para o coração de velhas cidades industriais americanas, tendo que encarar a vida em um novo país com língua, cultura e tradições diferentes.

Um trabalho realizado por Feldman-Bianco e Huse (1993) entre as imigrantes portuguesas na região da Nova Inglaterra mostrou que a maioria das entrevistadas trabalhou, pelo menos durante uma fase de sua vida, nas fábricas da região e que algumas, que emigraram jovens e tiveram a oportunidade de estudar nos Estados Unidos, conseguiram deixar o trabalho fabril e galgar carreiras profissionais. A decisão de emigrar foi devida à falta de opção profissional e à limitação e repressão social que o gênero feminino sofria em Portugal. No relato de uma das entrevistadas:

Todas as meninas sonhavam em ser professoras... mas as possibilidades eram poucas, e nós terminávamos fazendo trabalhos domésticos e trabalhando na lavoura. Então esperávamos casar e iniciar novas vidas, mas este começar não era nada de novo; após o casamento, a vida era a continuação da vida que vivíamos com os nossos pais: lavar roupas, cozinhar, limpar a casa, cuidar das galinhas e dos porcos, trabalhar na lavoura... (p. 34).

Para as mulheres que transgrediram os limites rigidamente fixados para as relações de gênero, que são popularmente simbolizados nos Açores pelo Capote e Capelo (representando o resguardo feminino), a imigração representava, desde o momento da partida, um escape às sanções sociais.

As entrevistadas da pesquisa salientaram a dificuldade de adaptação à vida dirigida ao trabalho, à produção e ao consumo de massa. O confronto com a disciplina rígida do trabalho permanecia vivo e algumas lembravam com grande dor o tempo em que começavam a trabalhar às 4:30 h da manhã, com o preparo do café da manhã para a família, para em seguida pegar o turno da 7:00 h. A grande dedicação ao trabalho deveu-se ao intento de concretizar o sonho americano e certamente português, muitas vezes simbolizado pela compra da casa própria, de bens de consumo e a possibilidade de pagar os estudos universitários para os filhos.

Nas casas das imigrantes entrevistadas, as pesquisadoras constataram a existência de espaços física e culturalmente diferentes. O *upstairs* tendia a concentrar símbolos do consumo americano, representando a realização de, pelo menos, uma parcela do sonho americano. Em contraste, o *downstairs*, incluindo o quintal,

representava a (re)construção da memória de vida nas aldeias açorianas. Os homens nesse quintal dedicavam-se principalmente ao plantio de hortas, ao fazer do vinho e à criação de aves e animais; as mulheres dedicavam-se à costura, ao bordado e à culinária portuguesa.

Com o ingresso da mulher no mercado de trabalho, em situação equivalente ou superior ao marido, às vezes a dependência de alguns pais que não falavam inglês em relação a seus filhos fez com que houvesse mudanças na estrutura da autoridade doméstica.

Enquanto na terra natal, as decisões familiares eram recorrentemente responsabilidade masculina e as tarefas domésticas eram encargos femininos, a experiência migratória e a transformação da mulher em operária assalariada implicaram uma divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres e a diminuição e, em alguns casos, perda da autoridade do chefe da família (FELDMAN-BIANCO; HUSE, 1993, p. 47).

Os filhos eram criados com muita severidade e controle, tendo uma entrevistada relatado que não podia usar calças ou andar de bicicleta, pois os pais não permitiam, e só pôde usar batom quando já era adulta. Semelhantemente à família portuguesa em Portugal e em outros lugares, os filhos tinham horário marcado para chegar em casa, as mulheres mais novas não podiam sair de casa sozinhas e o círculo de amizade permitido era somente o de amigos de origem portuguesa. Essas características eram mais comuns para os filhos mais velhos, tendo os filhos mais novos gozado de uma crescente liberdade.

Com o passar dos anos, a maioria das entrevistadas já se sentia adaptada à sociedade americana, inseridas no mercado de trabalho e na comunidade locais. A aceitação do modo de vida americano, bem como a influência das novas gerações, fez diminuir o apego ao modo de vida açoriano e conduziu à tendência a abdicar de seu sonho de regresso a Portugal.

A imigração portuguesa para o **Canadá** é relativamente recente, com fluxos modestos até a década de 50, só aumentando de modo significativo a partir dos anos de 1960. Os portugueses estão estabelecidos em todo o Canadá, mas se concentram principalmente nas cidades de Toronto e Montreal. A população de origem portuguesa é estimada entre 300 e 500 mil pessoas.

Uma pesquisa realizada por Giles (1997) em Toronto, com sessenta mulheres de origem portuguesa, constatou que as entrevistadas de primeira geração tinham a contraditória tarefa de conservar e transmitir a história cultural portuguesa, ao mesmo tempo tentando se inserir na sociedade canadense. Já as entrevistadas de segunda geração, “vivem com os pés em duas culturas”, sendo canadenses de nascimento ou naturalizadas, mas criadas dentro dos costumes e das normas portuguesas.

Das entrevistadas de primeira geração, as que vieram dos Açores já tinham trabalhado na agricultura e as que vieram de Portugal continental já tinham tido alguma experiência em trabalho urbano. A maioria das entrevistadas tinha entre três e sete anos de educação formal, mas não conseguiram voltar à escola no Canadá. Por não conseguirem progredir nos estudos e por falarem inglês com dificuldade,

essas entrevistadas somente obtiveram emprego como empregadas domésticas ou em fábricas, conseguindo um rendimento anual médio de \$17.000 dólares canadenses. As entrevistadas de segunda geração também possuem algum parente nos Açores. Todas as entrevistadas terminaram o *high school* e 70% delas fizeram algum curso superior. Devido à maior educação formal e à fluência no idioma, elas trabalhavam em variadas profissões na sociedade canadense, tendo no momento da pesquisa um rendimento anual médio de \$27.000 dólares canadenses.

Nas casas das entrevistadas de segunda geração, há uma explícita resistência contra a tradicional relação de gênero e a maioria fala da diferença de tratamento entre os filhos. Às filhas cabe uma posição subordinada dentro da família e elas se sentem controladas e retidas pela vontade dos pais e da comunidade. Os pais estão muito preocupados com a liberdade social e sexual de suas filhas, que pode representar perigo à reputação familiar. Praticamente em todas as casas de primeira geração, o trabalho doméstico é feito apenas por mulheres e nas casas de segunda geração, algum tipo de trabalho doméstico é compartilhado entre os membros, mas as mulheres reclamam que os homens são apenas “ajudantes” e que a maior parte do trabalho é feito por elas mesmas.

A maioria das mulheres é casada e apenas um pequeno número é constituído por divorciadas, mas a maior parte delas não mora sozinha. As entrevistadas relataram que, mesmo morando em uma sociedade moderna e avançada como a canadense, mulheres morando sozinhas e especialmente divorciadas não são bem vistas no seio da comunidade portuguesa.

A imigração portuguesa na **Alemanha** desenvolveu-se a partir de 1965, sendo inicialmente os fluxos imigratórios constituídos majoritariamente por homens, tendo somente em um momento posterior as mulheres e os filhos ido se juntarem ao marido/pai. A saída de Portugal foi devida à situação econômica adversa no país de origem, tendo a perspectiva de melhorar de vida no novo país. A Alemanha era, nesse momento, um dos países que mais demandavam mão-de-obra na Europa, do mesmo modo que o Brasil, bem antes, havia sido pólo de atração para a força de trabalho estrangeira.

O Estado português via com bons olhos a emigração, pois esta assegurava o sustento da família em Portugal e o envio de quantias importantes de dinheiro para movimentar a economia. Os emigrantes dirigiram-se principalmente para trabalhar na indústria, na pesca e na moderna agricultura.

Em números absolutos, havia na Alemanha, em 1999, 130.842 portugueses que representavam 1,8% de todos os estrangeiros no país, constituindo, portanto, um grupo estrangeiro não significativo numericamente. Por outro lado, os portugueses são atualmente os grupos de estrangeiros com menor porcentagem de desemprego na Alemanha, devido principalmente a seu forte desejo de trabalhar, sua facilidade de adaptação, à confiança que despertam e à sua discricção. Perder o próprio lugar de trabalho significa para eles perda de prestígio e o distanciamento dos objetivos colocados no momento da emigração, entre os quais se deve mencionar como o principal juntar recursos para poder voltar à pátria em melhores condições materiais.

Segundo a opinião da grande maioria dos entrevistados<sup>3</sup> na Alemanha, enfrentam consideráveis dificuldades de adaptação no novo país. A língua alemã é um grande obstáculo para a integração na sociedade local, o clima temperado continental é muito diferente em comparação ao de Portugal e o povo alemão não se mostra muito disposto a estabelecer contatos com os estrangeiros.

De modo geral, os filhos vivem na mesma casa que os pais até o casamento ou até assumirem uma relação de coabitação (fenômeno bastante raro na comunidade portuguesa), o que contrasta significativamente com as famílias alemãs, em que os jovens freqüentemente abandonam a casa paterna já desde o final da adolescência. Verificou-se que a coabitação entre jovens, se existia, mesmo sendo do conhecimento paterno, só poderia ocorrer se praticada em cidade distante daquela em que os pais e seus amigos moravam. Se os vizinhos e outros membros da comunidade portuguesa não estivessem informados do fato, este ainda poderia ser tolerado. Caso contrário, seria motivo de mancha no prestígio da família no grupo.

É de se mencionar o que nos foi dito por uma entrevistada que foi para a Alemanha durante seu curso universitário em Portugal para adquirir maior fluência na língua do país, já que estudava Letras Germânicas. Retornou a Portugal para concluí-lo, mas posteriormente voltou à Alemanha para estudos mais aprofundados. Contou ter precisado viver longe da comunidade portuguesa lá residente, pois sabia que, estando sozinha, seria muito mal vista pelas mulheres e considerada "presa fácil" pelos homens de seu país de origem. Hoje essa entrevistada está casada com um alemão e dá aulas na universidade como docente contratada para o ensino da Língua Portuguesa.

A família portuguesa na Alemanha procura preservar os filhos de contatos mais próximos com alemães, pois acham que a juventude alemã é educada muito livremente e isso significa que a mãe - ou o irmão mais velho - tem que acompanhar as jovens quando necessitam sair, dando-lhes permissão somente para visitarem ou convidarem à sua casa amigos de origem portuguesa. Ao contrário, quando os pais, o que acontece mais raramente, educam com maior liberdade, permitindo aos filhos terem amigos alemães, constata-se uma integração mais rápida na sociedade de adoção e a aspiração de não se distinguirem da maioria da população. Mas essa situação é bem menos freqüente.

A ambigüidade de sentimentos de pertença é bastante evidente entre os membros da segunda geração, que falam bem o alemão e aí desejam permanecer. A saída diante do impasse criado pelos pais que lutam pela permanência dos filhos como portugueses foi se denominarem cidadãs européias, tentando fugir a um conflito com os pais no caso de se identificarem como alemãs.

A perda da identidade portuguesa pode ocorrer entre os entrevistados de segunda geração e, especialmente, entre os filhos que conseguem atingir o ensino superior. As mulheres que atingem o ensino superior têm maior probabilidade de se casar com um alemão, o que leva à representação de si

---

<sup>3</sup> A pesquisa foi realizada por Maria Christina Siqueira de Souza Campos na Alemanha em 1999.

mesma como alemãs e às providências para obter o passaporte alemão, significando, então, a renúncia à nacionalidade portuguesa. É preciso que se diga que casamentos mistos não são freqüentes entre a maioria dos imigrantes de primeira geração, já que o casamento entre um homem ou mulher português(esa) e um cônjuge alemão constituíam somente 0,6% de todos os casamentos binacionais na Alemanha no ano de 1996, mas são mais freqüentes no caso de mulher portuguesa com homem alemão do que de homem português com mulher alemã.

No decorrer da coleta de relatos orais com representantes das duas gerações, todos os filhos reclamaram da severidade e da falta de flexibilidade paterna e é bem conhecido e aceito o fato de que os pais fazem uso de castigos físicos muito freqüentemente. As crianças de ambos os sexos são educadas do mesmo modo, sendo os jovens tão controlados quanto as jovens, tendo que trabalhar junto com os pais e devendo ficar em casa à noite. Em todas as famílias estabelece-se uma hora determinada para voltar para casa, muito mais cedo do que nas casas alemãs. Irmãos devem olhar por suas irmãs, acompanhando-as quando têm que sair, e os pretendentes devem solicitar permissão para sair com as namoradas.

A passagem dos anos de vida na Alemanha teve uma importante consequência no que se refere à transformação da organização e estrutura familiares. Normalmente, as mulheres tendem a ganhar menos do que os homens, devido não só às atividades que exercem, mas também à desigualdade de tratamento de ambos os sexos no mercado de trabalho, o que acontece de modo geral em toda a parte. Como atualmente é mais fácil para as mulheres portuguesas conseguirem um lugar de trabalho nesse país do que para os homens, pois os serviços de limpeza e *baby sitting* que costumam realizar continuam a ser requisitados, à medida que a crise econômica se acentuou, elas se tornaram não raramente o suporte econômico da família e adquiriram, inconscientemente ou conscientemente, um novo sentimento de autoconfiança e sua autoridade dentro de casa cresceu. Se conseguirem arranjar um trabalho em uma indústria durante o dia, procuram complementar a renda com atividades de limpeza à noite. Esta dupla jornada faz com que ganhem bastante dinheiro e possam sustentar a família sozinhas, se necessário.

## **As mulheres no Brasil na primeira metade do século XX**

Percebe-se um paralelo entre a situação da mulher imigrante-portuguesa no Brasil e sua contemporânea brasileira no começo do século XX, pois esta também era marginalizada, sofrendo em decorrência da condição de ser mulher numa sociedade conservadora como a brasileira e se equilibrando na árdua tarefa de conciliar o trabalho fora de casa, quando necessário, e o cumprimento das tarefas domésticas.

É interessante mencionar um estudo desenvolvido sobre mulheres de origem brasileira de diferentes classes sociais que desempenhavam atividades regulares – remuneradas ou não – na mesma época considerada, para se ter um parâmetro de referência para a análise das práticas e representações da mulher-imigrante

portuguesa neste país<sup>4</sup>. “Interessava saber o que as havia impelido ao desempenho dessas atividades e como conseguiam conciliar a atividade doméstica com as de fora do lar e se o desempenho de atividades fora de casa levava a ter uma visão diferente do papel da mulher na sociedade” (CAMPOS, 1997).

Foi constatado nesse estudo que a principal causa que levou as mulheres a trabalhar fora de casa foi a precária condição financeira da família de origem, quando ainda eram solteiras, bem como as precárias condições econômicas das famílias que constituíram após o casamento. As exceções constituíram-se por entrevistadas de origem social mais elevada, cujos pais ou marido possuíam um maior nível educacional e incentivaram as mulheres a trabalhar, mas, na maioria das vezes, em caráter voluntário e pessoal. Situação semelhante foi encontrada entre as entrevistadas de origem portuguesa no interior paulista, já que duas das entrevistadas que tinham boas condições financeiras na família de origem atingiram o ensino superior e exerceram a docência em universidades públicas. Já uma outra entrevistada, de condições econômicas desfavoráveis, não pôde continuar os estudos e rapidamente entrou no mercado de trabalho, trabalhando inicialmente na roça e depois como empregada doméstica.

No caso das entrevistadas de origem brasileira, por mais que mostrassem, de modo geral, certa autonomia em relação ao marido dentro de casa, no campo profissional elas se dedicaram a profissões tradicionalmente ocupadas por mulheres, como o magistério, dedicando-se a maioria ao ensino básico e médio e algumas poucas ao ensino superior. A dedicação à atividade docente foi a opção das mulheres que já residiam na cidade e que tinham uma escolaridade mais elevada, bem como condições financeiras mais favoráveis. Por ser esta considerada como uma profissão bastante adequada a seu gênero, de acordo com as representações da época, e, portanto, mais fácil de ser exercida, foram apoiadas pelos pais ou outro parente ao se orientarem para essa carreira. As mulheres que provinham do campo, devido ao menor grau de instrução e à necessidade de ajudar o marido ou os pais na agricultura, haviam se dedicado principalmente às atividades rurais ou de baixa qualificação.

No que se refere às mulheres de origem portuguesa, as entrevistadas do primeiro grupo eram todas provenientes da zona rural de Portugal, vindo para São Paulo junto com toda a sua família. Esta procurava trabalho na agricultura cafeeira que, a partir da década de 1870, passou a demandar o braço imigrante, já que a mão-de-obra escrava estava já em processo de extinção. Assim, o trabalho da mulher imigrante não era muito diferente do do homem, pegando na enxada como ele, mas incluía um “plus”: cuidar dos filhos e da casa.

A tabela 1 traz o número de imigrantes que viviam no Brasil na década de 1920, de acordo com sexo e nacionalidade. Verifica-se o maior número de

---

<sup>4</sup> Essa pesquisa foi realizada junto ao Centro de Estudos Rurais e Urbanos, do mesmo modo que a dedicada ao estudo dos imigrantes portugueses no interior de São Paulo, tendo se iniciado em 1991 e sido concluída em 1996. Foi parte de um projeto mais amplo que estudou o papel da mulher em São Paulo desde a segunda metade do século passado, utilizando documentos e fontes secundárias, coordenado por Maria Christina Siqueira de Souza Campos, cujos resultados estão publicados em Campos (1997).

imigrantes italianos (36%), seguidos pelos portugueses (26%) e os espanhóis (20%). Os japoneses tiveram uma expressiva entrada na década de 20, mas no montante da imigração para o Brasil, se situam na quinta colocação, logo atrás dos alemães.

**Tabela 1**  
**Estrangeiros no Brasil, de acordo com sexo e nacionalidade - 1920**

Nacionalidade	Homens		Mulheres		Total	
Itália	108.910	51%	104.181	49%	213.091	36%
Portugal	89.973	58%	65.278	42%	155.251	26%
Japão	70.594	55%	58.363	45%	128.957	83%
Espanha	61.848	51%	59.314	49%	121.162	20%
<b>Total</b>	<b>331.325</b>	<b>54%</b>	<b>287.136</b>	<b>46%</b>	<b>287.136</b>	<b>100%</b>

Fonte: IBGE

\* Essa porcentagem corresponde ao total dos oriundos do continente asiático (154.433)

Os dados mostram que o número de mulheres que viviam no Brasil na década de 20 foi inferior ao de homens, especialmente entre os provenientes de Portugal e do Japão. Na região de Ribeirão Preto e de Piracicaba (ambas importantes centros de produção de café e de atração de imigrantes e onde vive a maioria dos entrevistados deste estudo) a situação era bem semelhante, sendo o número de mulheres um pouco inferior ao de homens. A tabela 2 mostra dados referentes a 1940, época em que o número de imigrantes que se dirigiu para o interior paulista já havia diminuído sensivelmente.

**Tabela 2**  
**Estrangeiros nos principais municípios estudados, de acordo com o sexo - 1940**

Município	Italianos		Espanhóis		Portugueses		Total
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Piracicaba	13114	1298	583	583	153	92	3.978
Ribeirão Preto	1817	1960	664	695	700	535	6.371

Fonte: IBGE

Através da segunda tabela, extraída do censo de 1940, vê-se que o número de imigrantes italianos ainda era superior ao dos outros. A cidade de Ribeirão Preto

recebeu um maior número de portugueses do que Piracicaba, evidenciando fatores de ordem econômica e de recomposição familiar. O número de homens continuava superior ao de mulheres, mas somente entre os portugueses essa diferença se mostrava mais significativa. Na região de Ribeirão Preto, o número de mulheres de origem italiana e espanhola já era superior ao de homens.

Uma característica que distingue as entrevistadas que residiram no campo e nas cidades é o número de filhos. As mulheres que residiam na cidade tinham poucos filhos, menos ainda aquelas que se dedicaram a uma profissão em tempo integral. Duas entrevistadas que tiveram uma sólida carreira profissional não se casaram nem tiveram filhos.

A educação familiar teve um peso significativo na formação e na vida das entrevistadas de origem portuguesa, tendo muitas delas relatado que os pais eram severos e austeros, ensinando principalmente os costumes da época, que não eram só traços da cultura portuguesa, mas vigentes de maneira geral então na sociedade. Relatam que tiveram uma educação diferenciada em comparação aos irmãos, pois, não gozando de nenhuma liberdade, deveriam ser acompanhadas sempre que saíam de casa, seja pela mãe ou por um irmão. Os pais controlavam bem de perto sua vida até o casamento, no intuito de entregar a filha "intacta" ao futuro marido.

A forma como foram educados os filhos das entrevistadas (segunda geração) foi bem menos rígida do que a forma como elas próprias haviam sido criadas, mas ainda tiveram uma preocupação nítida em transmitir os valores que haviam sido salientados em sua própria educação. Os filhos tiveram maior liberdade para escolher a profissão que desejavam e uma autonomia maior nas decisões do que antes. As que dispunham de melhores condições financeiras incentivaram os filhos a estudar até o nível superior e o trabalho desempenhou um papel secundário, sendo postergado para depois da aquisição do diploma. As famílias menos abastadas, ao contrário, incentivaram os filhos a entrar rapidamente no mercado de trabalho, mas, mesmo nesses casos, o aumento da escolaridade foi expressivo em relação aos pais.

Já as que residiam no campo, devido à necessidade de braços para ajudar os pais na lavoura e à menor informação sobre métodos anticoncepcionais, tinham vários filhos. Um outro fator que contribuía para aumentar a prole era o fato de que as mulheres se casavam muito jovens, tendo como consequência uma vida fértil mais longa. O casamento das mulheres em tenra idade era uma prática incentivada pelos pais, que viam no casamento uma forma de diminuir a pressão sobre eles e se livrarem mais cedo da responsabilidade de cuidar das filhas.

Todas as entrevistadas oriundas de Portugal disseram que se sentem brasileiras, mas que respeitam e gostam de sua origem portuguesa. Algumas delas mantêm contato com os parentes em Portugal através de cartas, telefonemas e as mais abastadas já foram ou têm a intenção de ir a Portugal visitar os parentes que lá ficaram. Uma constatação clara é que a força da cultura e tradição portuguesas vai diminuindo com o tempo e que, hoje em dia, esses traços externos se restringem à alimentação tipicamente portuguesa em dias de festas, com o consumo de bacalhau, do caldo verde, rabanada etc.

Os valores sociais e pessoais portugueses mais comentados foram a importância do trabalho, como forma de desenvolvimento econômico e social, e a honestidade. Em relação ao trabalho, até as crianças, a partir dos sete anos, já eram incentivadas a trabalhar no campo ou nas lides domésticas. Um outro aspecto bastante valorizado na educação familiar, salientado pelas entrevistadas portuguesas no Brasil, era, sem dúvida, a honestidade e um traço muito relevante é, sem dúvida, a união da família, que se infere mais dos relatos do que é comentado explicitamente, já que se tanto evidencia pelas constantes reuniões entre os familiares próximos, como pelo apoio consubstancial que os pais dão a seus filhos por ocasião de seu casamento. Uma entrevistada relatou ter assumido, de certa forma, a função de controle e aglutinação de toda a família, contando que liga todos os dias para os sobrinhos, a fim de perguntar se está tudo bem ou se há novidades. .

A religião católica é a predominante entre as entrevistadas, mas muitas não vão com frequência à igreja. Só as mais velhas mantiveram a religiosidade tradicional portuguesa e a expressam na prática regular da religião católica. Essa vivência religiosa, embora uma característica marcante da cultura portuguesa tradicional, no Brasil começou a ser abandonada pelos descendentes dos imigrantes que passaram a se comportar como a maioria da população brasileira, que vê a religião mais como parte da própria identidade. É preciso também considerar, a esse respeito, que os imigrantes portugueses não sentem necessidade de mostrar aos outros a prática religiosa como afirmação de sua identidade, já que a maioria que os cerca é constituída por católicos, ainda que não praticantes. Na Alemanha e na América do Norte, havendo maior necessidade de auto-afirmação, a frequência religiosa torna-se um forte sinal indicador da identidade.

A divisão das tarefas domésticas mostra certa continuidade das práticas da família de origem. As entrevistadas disseram que na casa de seus pais era apenas a mãe que fazia o serviço doméstico e cuidava das crianças. Só na casa das famílias mais abastadas existiam empregados que faziam o trabalho doméstico e as “senhoras” podiam se dedicar a outros afazeres. Como a maioria das entrevistadas apresenta hoje uma boa condição financeira e algumas já são idosas, mantêm uma auxiliar doméstica fazer os serviços na casa. Mas, nos tempos passados, em que a vida era bastante dura, eram elas mesmas que faziam todo o serviço, dedicando-se o marido e os filhos só ao trabalho do campo.

### **Algumas trajetórias de vida no Brasil**

Como já vimos, as entrevistadas de origem portuguesa no interior de São Paulo dividem-se entre as que viveram a maior parte da vida na cidade, quando, então, tiveram uma educação mais elevada e durante os estudos ou após estes desempenharam uma atividade fora de casa, e aquelas que passaram os primeiros tempos de vida no campo, só mais tarde se dirigindo para as cidades. Estas apresentam um grau de instrução menos elevado e dizem ter se dedicado na cidade principalmente aos afazeres domésticos ou, quando necessário, terem trabalhado como empregadas em casas de família.

## D. Joaquina

Uma representante do segundo grupo é D. Joaquina, que nasceu em 1905 em Barcelos, no Norte de Portugal. A entrevistada contou ter sido sua vida em Portugal bastante difícil, sua família morava em uma casa feita de pedras, num pequeno vilarejo, longe de tudo. Comiam muita batatinha, repolho e couve, que era o que eles plantavam. Também cultivavam uva para fazer vinho para o consumo da família. Afirmou que a vida era triste e a comida, muito ruim.

A família da entrevistada saiu de Portugal em 1921, com passagens financiadas pelo coronel Schmidt, cafeicultor de origem alemã, que chegou a ter noventa fazendas na região de Ribeirão Preto no fim do século XIX, recebendo, por isso, a alcunha de Rei do Café na ocasião. Dois irmãos de D. Joaquina, que já estavam no Brasil, trabalhavam em suas terras e, sabendo da situação difícil pela qual a família estava passando em Portugal, decidiram solicitar ao coronel Schmidt que os trouxesse para cá para trabalharem em suas terras. Dessa forma veio um grupo de seis pessoas.

D. Joaquina conta que a viagem foi muito cansativa. Na época, tinha quinze anos e se lembra de ter sido um trajeto longo e muito monótono, dado que vieram de navio e ficaram quinze dias sem ver terra. Conta também que só via a água batendo no casco do navio por uma pequena janelinha, porque não podiam subir as escadas e olhar o horizonte, o que só era permitido às pessoas que viajavam em classe mais privilegiada.

Chegaram ao Brasil ficando três dias em Santos, após os quais foram de trem para o interior do Estado de São Paulo, para a fazenda Iracema, de propriedade do Coronel Schmidt, situada em Cravinhos, município vizinho a Ribeirão Preto, onde trabalharam por mais ou menos seis anos. Seu pai foi, então, para a cidade (Ribeirão Preto) e ela, como já estava casada, para outra fazenda, chamada de Pau Alto.

D. Joaquina casou-se muito nova, aos dezesseis anos, um ano após ter chegado ao Brasil. Segundo ela, as mulheres se casavam cedo porque, como a maioria das vezes vinham para as fazendas de café e todo o mundo tinha que trabalhar na terra, o casamento era uma forma de as moças escaparem dessa atividade e passarem a se dedicar exclusivamente aos afazeres domésticos e à criação dos filhos. O marido de D. Joaquina era de origem italiana, também colono em fazenda de café, e, por ter morrido relativamente jovem, com quarenta e dois anos, quando o filho mais novo do casal tinha apenas sete anos. A família era bem relacionada com os portugueses que trabalhavam na mesma fazenda, bem como com os outros grupos de imigrantes, notadamente os italianos.

A entrevistada contou que nem ela nem seus irmãos freqüentaram a escola, porque em Portugal era muito difícil, não só pela situação econômica, mas porque a escola ficava muito distante de onde moravam. Essa situação era similar aqui no Brasil e seus filhos passaram por situação semelhante. Teve um total de sete filhos, que só puderam freqüentar a escolinha da fazenda, onde pelo menos aprenderam a ler e escrever o básico, isso porque, devido à morte prematura do pai, toda a família foi forçada a se lançar precocemente no mercado de trabalho para poder ajudar no sustento da casa, tornando-se as filhas empregadas domésticas em casas de família em Ribeirão Preto.

A entrevistada foi criada em um sistema rígido, com intensa vigilância do pai; segundo ela, este tinha um gênio muito bom, mas queria as coisas da maneira

como achava que deviam ser. Também insistia em dizer que a honestidade era muito importante.

Ela se naturalizou, tendo mostrado, durante a entrevista, a carteira de identidade brasileira, dizendo sentir-se claramente brasileira. Pelo fato de ter sofrido muito em Portugal, disse não querer nem saber de seu país de origem. Nunca mais voltou lá, não querendo ir de maneira alguma, apesar de seus netos terem lhe oferecido a passagem e garantido acompanhá-la na viagem. Repetindo suas palavras: “Deus me livre de Portugal, para mim o Brasil foi tudo. Eu quero estar no Brasil”. Tem duas irmãs casadas em Portugal, uma das quais com quatro filhos. Disse que seus pais nunca mandaram carta alguma para os parentes de lá depois que vieram para o Brasil e, portanto, nunca mais ficaram sabendo algo sobre o que aconteceu com o resto da família que permaneceu em terras portuguesas. Nem sabe se há alguém vivo morando lá.

A entrevistada disse que toda a família é católica e que ela frequenta a missa com muita regularidade. O marido de D. Joaquina nunca a ajudava nos afazeres domésticos porque trabalhava muito no campo, saindo todo dia muito cedo de casa e só retornando ao lar à noite com a roupa toda suja, dado o serviço pesado a que se dedicava.

Em relação à alimentação, D. Joaquina diz gostar muito de bacalhau, mas não tanto de sardinha. Na sua opinião os hábitos alimentares em sua família se misturam, como seu gosto por macarronada, por exemplo. A entrevistada também gosta de caldo verde e sopa de polenta com leite, que a filha faz duas vezes por semana.

Em sua casa há objetos de origem portuguesa, como algumas salvas de prata e o conhecido galo de Barcelos. Até hoje, D. Joaquina usa brincos de argola e, segundo sua filha, põe às vezes no domingo um aventalzinho e o lenço na cabeça, lembrando as velhas senhoras das zonas rurais de Portugal. Fala ainda com sotaque carregado, uma prova de sua vida reclusa, sem muitos contatos com a população de origem brasileira por onde morou.

## **D. Lourdes**

Um relato que elucida muito bem a questão do valor ao trabalho e do rigor na educação com que eram criados os filhos de portugueses é a vida de D. Lourdes. Ela já nasceu no Brasil, tendo vivido os primeiros tempos de vida no campo e depois se mudado para a cidade de Orlândia, junto com a família.

Os pais da entrevistada são ambos de origem portuguesa, seu pai, o senhor Adelino Rosa, também entrevistado para este estudo, nasceu em uma pequena cidade portuguesa denominada Sobral da Serra, enquanto sua mãe, também de origem portuguesa, nasceu no Brasil. Tanto sua mãe quanto seu pai não estudaram, sendo o pai analfabeto. Sua mãe sempre esteve ligada a trabalhos na zona rural, participando ativamente das colheitas, mesmo durante os períodos em que estava grávida. Seu pai é um exemplo de muito sucesso, já que com seu trabalho conseguiu comprar várias propriedades, como casas e sítios, permanecendo, entretanto, analfabeto. Hoje, todo o seu patrimônio está dividido entre seus filhos.

A entrevistada disse que quando tinha sete anos cuidava dos irmãos mais novos para que a mãe pudesse trabalhar e que quando tinha nove anos já começou a ajudar o pai na colheita de algodão. Ele pagava à entrevistada e a seu irmão pela quantidade de algodão que havia sido colhido. Esta era uma maneira de ela poder conseguir algum dinheiro e comprar o que quisesse. Neste sítio também eram cultivados pés de café em grande quantidade e milho. Ainda ela afirma ter trabalhado em atividades ligadas diretamente à criação de animais, principalmente porcos. Seu pai tinha também muito gado, principalmente leiteiro, e, assim, ele vendia muito leite para pessoas que viviam na cidade. Além de ajudar no engarrafamento, ela também ajudava na distribuição, levando até doze litros de leite em embalagens presas em suas roupas, seguindo a pé para a cidade. Chegou a carregar também latões de cinco litros de leite, sendo todo o serviço de entrega realizado a pé. Ela e seu irmão saíam de casa às 6:30 h da manhã para poderem iniciar a entrega do leite. Ela também vendia milho e verduras na cidade desde criança.

D. Lourdes contou que, durante a época de colheita do café, participava do processo de lavagem desse produto. Devido às precárias condições de abastecimento de água nessa época, ela e seu irmão tinham que acordar às 2:30 h da madrugada para retirarem água da cisterna e assim poderem realizar esta tarefa. Além disso, realizava a limpeza da casa e lavagem da roupa.

Essa situação contribuiu para que Dona Lourdes frequentasse só por poucos anos a escola e conseguindo somente completar a quarta série do ensino elementar. A escola onde estudava era localizada na cidade, pois na zona rural não existiam escolas e assim ela seguia a pé do sítio até a cidade, acompanhada por seu irmão e outros estudantes que residiam nas fazendas da redondeza. Ao contrário do que aconteceu com ela, diz ter sempre incentivado seus filhos a estudar, como uma forma de alcançarem alguma ascensão social.

Em sua educação, o aspecto mais enfatizado por seu pai era o trabalho. Ele sempre dizia a seus filhos que o trabalho era a única forma de alcançarem sucesso em sua vida. Dona Lourdes afirma que seu pai era muito rigoroso, marcando horários para que seus filhos chegassem em casa, mesmo que estivessem vindo da escola. Ela completa que mesmo quando saía para participar de cerimônias religiosas, como missas e procissões, seu pai sempre controlava a hora em que ela e seu irmão deveriam estar em casa. Com risos, ela confessa ter medo dele até hoje<sup>5</sup>.

Diz nunca ter frequentado bailes e festas de carnaval, não tendo, pois, aprendido a dançar. Para que pudesse namorar, o pretendente, que é seu atual marido, teve que pedir permissão a seu pai. Mesmo assim, só encontrava seu namorado dentro de sua casa na presença dos pais. Seu pai determinava os horários em que seu namorado podia vir a sua casa e só permitia que fossem juntos a eventos religiosos, como terços e procissões, sempre precisando cumprir o horário estabelecido para o retorno a sua casa. Ela namorou por dois anos e logo se casou. Lembrou-se com entusiasmo da festa de seu casamento em que estiveram presentes aproximadamente trezentas pessoas, incluindo parentes e amigos da família.

---

<sup>5</sup> O Sr. Adelino tinha oitenta e seis anos quando o entrevistamos, mas estava em pleno vigor, tendo relatado sua trajetória de vida com muitos detalhes.

D. Lourdes afirma não ter vontade de morar em Portugal, apenas gostaria de visitar esse país para apreciar os bordados portugueses. Conta que, assim como sua mãe, bordou diversas peças para seu enxoval, tendo chegado a frequentar um curso de bordados na cidade, além de corte e costura. Ela afirma que tanto ela quanto seus filhos se consideram brasileiros. Seguindo o exemplo de seus pais, ela e a maioria de seus filhos seguem os princípios da religião católica. Ela vai à igreja e participa de eventos religiosos com grande frequência. Quanto aos hábitos alimentares, relata ser frequente o consumo de vinho por seus pais. Ainda destaca a preparação de pratos típicos portugueses, como a sopa de batata, que é um dos pratos favoritos de seu pai.

#### **D. Judite**

Pertencente ao primeiro grupo de entrevistados, por ser nascida em 1920, na Fazenda Dumont, na região de Ribeirão Preto, D. Judite constitui, entretanto, uma exceção não só ao conjunto das entrevistadas, como, de modo geral, em relação à forma como eram educadas as mulheres na época. Era filha de pai português oriundo do Concelho de Resende, Distrito de Viseu, e de mãe de origem italiana.

De acordo com a entrevistada, os primeiros parentes portugueses a chegarem ao Brasil foram os avós paternos. Depois de terem vindo de Portugal por conta própria, instalaram-se em Taubaté, onde montaram um armazém de secos e molhados. Enquanto isso, seu pai e seu tio continuaram em Portugal estudando no liceu. Quando o pai terminou o curso correspondente ao ginásio, desembarcou no Rio de Janeiro junto com seu irmão, indo os avós da entrevistada buscá-los para os levarem, em seguida, para Taubaté. Foi através do exame do passaporte que D. Judite localizou a data de chegada de seu pai ao Brasil, 17 de agosto de 1892. Ele estava com doze anos nessa época.

Percebe-se nesse caso e em outros relatados, a importância que tiveram as redes sociais ou as redes familiares na emigração de portugueses para o Brasil. “Os pioneiros criam novos laços no destino, sem perder as conexões com a origem, facilitando assim o engajamento de novos migrantes no movimento, o que alimenta um processo cumulativo” (FUSCO, 2001).

De uma primeira fase de emigração majoritariamente masculina, segue-se uma segunda de fluxo crescente de mulheres e crianças, devido à necessidade da reunião familiar. As redes sociais servem como pontos de apoio e informação para os importantes contatos no primeiro momento; na maioria dos casos conseguem arrumar emprego e moradia para os patrícos. Essas redes sociais podem ser relações de parentesco ou de amizade.

O pai de D. Judite saiu de Taubaté indo trabalhar em Ribeirão Preto primeiro em uma obra, após o que dirigiu-se para a fazenda Dumont, onde começou a trabalhar como fiscal de turma de colonos, principalmente de origem italiana. A presença italiana era tão marcante nas fazendas de café que, segundo o relato de D. Judite, seu pai precisou aprender italiano para poder se comunicar bem com os colonos. Mais tarde foi promovido a administrador da fazenda, o que fez com que pudesse ter muito conforto em casa, especialmente considerando-se a época, aí se incluindo a posse de uma boa casa, de um carro, telefone e gramofone. Depois de anos trabalhando

nessa fazenda, ele se tornou um pequeno acionista dela. Faleceu em 1940 de enfarte, acreditando D. Judite que a morte do pai se deveu ao desgosto de ver a fazenda sendo vendida por um baixo valor em decorrência da crise do café que se prolongava. Com a morte do pai, a família comprou uma casa no centro de Ribeirão com as economias guardadas. D. Judite mora ainda nessa casa com mais duas irmãs e um sobrinho.

Sobre sua infância, D. Judite recorda-se de que brincava muito de dar aulas com as irmãs, participando também de outras brincadeiras comuns na época, como amarelinha e pular corda, escutava gramofone e apreciava também muito de andar de trem.

D. Judite iniciou seus estudos no segundo grupo escolar de Ribeirão Preto, fez o ginásio no Colégio Santa Úrsula, instituição confessional tradicional na ocasião nessa cidade, sob dependência administrativa de uma ordem religiosa católica feminina. Continuou estudando nesse colégio até finalizar o curso normal. Para a entrevistada, o grupo escolar foi como que uma universidade, devido ao amplo conhecimento adquirido e à vivência com o mundo social de Ribeirão Preto. Havia uma rígida disciplina no que se refere ao horário, silêncio entre os alunos e grande preocupação com a limpeza da escola e a higiene das próprias roupas. Na lembrança de D. Judite havia certa amizade e proximidade entre alguns alunos e professores.

Após terminar o magistério, foi lecionar como professora primária pública estadual nas cidades de Morro Agudo e Ituverava. Depois resolveu ir para a cidade de São Paulo fazer o curso de Enfermagem, na USP, porém o prazo das inscrições havia terminado. Quando ela estava voltando para sua casa, no ônibus, encontrou uma colega sua de magistério, que a informou sobre a possibilidade de comissionamento do Estado e foi dessa forma que ela iniciou o curso de Enfermagem, sem precisar fazer a inscrição. O comissionamento era um auxílio ao funcionário público, que recebia normalmente o seu salário enquanto estivesse frequentando o curso superior. Fez o curso de Enfermagem na USP, em São Paulo, com a duração de quatro anos.

Ao terminá-lo, ela e mais algumas colegas ingressaram no Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), que era produto de um convênio entre o Ministério da Saúde e os Estados Unidos, cujo objetivo era instalar serviços de saúde no país. D. Judite trabalhou em várias localidades do Norte e Nordeste do Brasil como enfermeira. Uma ex-professora sua contratou-a, então, para trabalhar na Escola de Enfermagem de Porto Alegre e, após alguns anos trabalhando na região sul, em 1956 recebeu um convite para lecionar na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, o que a levou a fazer o doutorado nos EUA. Aposentou-se em 1986, depois de ter construído uma sólida carreira acadêmica e de já ter uma sobrinha lecionando na mesma Faculdade.

Em relação à educação familiar, D. Judite diz que o pai era severo, sem ser agressivo. Segundo ela, existiam respeito e proximidade dos pais com os filhos. A mãe era responsável pela disciplina e pelo cumprimento das tarefas domésticas. Se fosse necessário, ela “dava umas palmadas”.

Ela contou ser comum e valorizado, na geração tanto de sua avó como na de sua mãe, ter uma grande quantidade de filhos tendo comentado que sua avó teve quinze filhos. Quando menina, D. Judite se lembra de nunca ter saído de casa sozinha, sendo sempre acompanhada por alguma irmã ou primo até

quando já era moça. Analisando o discurso de D. Judite, percebe-se que a mulher não era incentivada a trabalhar ou ter uma profissão, sendo mais importante o cuidado da casa, do marido e dos filhos. Não havia muita liberdade para as mulheres e os pais, de modo geral, se preocupavam em casar bem - o mais rapidamente possível - os filhos. Já o pai de D. Judite, segundo seu relato, não fazia cobranças para que casasse e, sim, para se satisfazer no trabalho e estar perto da família.

Quanto à religião do pai, ele era católico não praticante, mas sua mãe era bastante ligada à Igreja Católica, pertencendo à Ordem Terceira dos Agostinianos, e a entrevistada também é católica.

A entrevistada comentou que se sente brasileira, mas que gosta e admira suas raízes portuguesas. Dentre seus familiares nascidos em Portugal, seu pai é aquele que menos cultivou os hábitos portugueses, não tendo nem sotaque. Seus avós, às vezes, contavam alguma história de Portugal ou da família do lado de lá, mas de forma discreta.

Percebe-se que a entrevistada mantém e cultiva poucos traços da cultura portuguesa, não se comunica com os parentes em Portugal e não acompanha nem tem interesse pelas transformações pelas quais Portugal está passando atualmente. Não casou nem teve filhos, tendo dedicado toda a sua vida ao trabalho como enfermeira e alcançado sucesso na vida acadêmica.

## **Conclusões**

Considerando os estudos apresentados acima, dois dos quais desenvolvidos sob a responsabilidade da co-autora deste texto, percebem-se alguns elementos importantes a serem destacados nestas conclusões.

Os relatos analisados mostram a quebra dos laços comunitários com a pátria de origem, um aspecto que pode ser constatado com mais evidência entre as representantes do primeiro grupo que aportou no Brasil a partir da segunda metade do século XIX até 1930. As mulheres dirigidas aos EUA, que se concentraram em Massachussets, vivenciaram essa ruptura como uma crise em sua vida marcada pela dor, já que as condições de vida e trabalho na pátria de adoção eram muito distintas daquelas que tinham anteriormente em sua terra natal. Tal não foi verificado no interior do Estado de São Paulo, tendo em vista a língua que compartilhavam com a população brasileira e o fato de que as condições de trabalho não eram muito diversas das de seu país de origem. Isso certamente contribuiu para o fortalecimento dos laços familiares, que, como já se viu, têm importância fundamental na sociedade portuguesa. Na costa leste americana, além da diversidade da língua e de cultura enfrentada, o trabalho fabril, com disciplina mais rígida em termos de horário e controle do que a estabelecida no trabalho do campo e provocando um visível afastamento do lar para o exercício do trabalho, as mulheres, cuja vida até então girava em torno da família, ficaram marcadas mais profundamente, mesmo que antes tivessem que colaborar no trabalho da terra. No entanto, é preciso salientar o grande valor atribuído ao trabalho entre os portugueses tanto em Portugal,

como nos países para onde emigraram. É o trabalho que lhes garante uma vida digna e até certo conforto. Aqueles que podem mostrar a seus conterrâneos em Portugal indicadores de seu sucesso materialmente falando, como a posse de carros de luxo e de uma casa na aldeia de origem, que é somente ocupada por ocasião de suas férias, o fazem com orgulho, o que lhes granjeia a inveja dos que lá ficaram.

Em todos os casos considerados não há qualquer dúvida quanto à identidade da primeira geração de entrevistadas. Quase todas se reconhecem como portuguesas, embora com maior ou menor ênfase. Já no caso da segunda geração, nota-se uma distinção. No Brasil, as descendentes do primeiro grupo sentem-se como brasileiras e se comportam como tal, embora as raízes portuguesas ainda possam ser detectadas em certos valores afirmados como relevantes e em certos hábitos alimentares.

Um traço comum a todas, independente do lugar para onde foram, é a forma como foram educadas: a severidade e o controle dos pais eram iguais em qualquer lugar. Mas, enquanto no Brasil as próprias condições de vida em meio a vários outros grupos de imigrantes impediram a formação de uma comunidade portuguesa mais fechada e, portanto, levaram a casamentos mistos na segunda geração, se não ocorreram já na primeira, na Alemanha e nos Estados Unidos os pais tentaram por todos os meios impedir contatos de seus filhos com jovens da população do país de acolhimento de modo a preservar não só os padrões de comportamento e valores da tradição portuguesa como manter sua identidade ligada ao país de origem. Nota-se a distinção de “comportamentos próprios de homem e de mulher”, embora os jovens do sexo masculino tenham sofrido também muito sob o controle paterno.

A família, como instituição básica da sociedade portuguesa, continua a ter um papel fundamental no país de adoção e gira principalmente em torno da figura feminina, que encarna o grupo familiar. É esta que assume o papel de conservadora da memória do grupo familiar e contribui para sua união, à medida que organiza os encontros semanais e as festas comemorativas dos aniversários e das datas importantes do calendário religioso (Natal, Páscoa, Santo Antônio e São João, especialmente), fazendo sempre, então, os pratos mais apreciados da culinária portuguesa. Assim como em Portugal, o namoro continua a ser de interesse social, o que faz com que não só os pais como a própria comunidade portuguesa procure participar do controle sobre os futuros cônjuges, o que nem sempre garante que os padrões rígidos da sociedade portuguesa venham a ser respeitados. Mas, como se viu, surgem estratégias para que as quebras não se tornem motivo de prejuízo para a família enquanto grupo no seio da comunidade em que vive no país de adoção. Assim, a família deve se apresentar externamente não só como grupo coeso, no sentido dado por Bourdieu (1993), mas atuar de forma unida no que se refere ao trabalho, de modo a que possa atingir mais rapidamente as metas colocadas. Mesmo os representantes da terceira geração (no caso do estudo sobre os portugueses no interior paulista), quando param para pensar e elaborar suas lembranças

sobre sua educação no seio da família, acabam por “descobrir” a força de certos objetivos que lhes foram inculcados e partilhados por todos os descendentes de portugueses entrevistados e que estão inconscientes, algumas vezes, no fundo da mente.

Monteiro (1994, p. 7) diz que “(...) a idéia da emigração tem subjacente a idéia de um retorno, e nisso se distingue da idéia de êxodo: o imigrante não é aquele que parte para outro país, é aquele que de alguma forma se mantém ligado ao país de origem”.

Embora todos os grupos considerados tenham tido essa intenção no momento de sua partida, verificou-se tanto na Nova Inglaterra como na Alemanha, do mesmo modo que entre os emigrantes vindos para o Brasil antes da Segunda Grande Guerra, que, com o passar do tempo de vida no país de imigração, se dá o abandono do sonho de retorno “à terrinha”. As novas e melhores condições de vida, apesar dos muitos sacrifícios que foram exigidos para a ascensão econômica, acabam retendo os imigrantes e seus descendentes no país para onde se dirigiram nos tempos difíceis. Além desse aspecto, a vontade de seus filhos de permanecerem no país onde cresceram e do qual dominam a língua acaba contribuindo para fazer com que os pais se decidam também por lá permanecer. Assim, se lhes for possível, viajam a Portugal para rever sua terra e os parentes que lá ficaram, mas voltam ao país que lhes deu abrigo.

Ficou muito nítido o fato de que as representantes da segunda geração tanto no Canadá, como na Alemanha e, até certo ponto, em São Paulo (no caso de famílias emigradas após a Segunda Grande Guerra), são pessoas com os pés em duas canoas, cuja identidade é ambígua até para si próprias. Conhecem bem os padrões da pátria de seus pais, não os apreciam no que se refere à sua rigidez, mas gostam de seus hábitos alimentares e das reuniões familiares aos domingos e nos dias de festa; já não conseguem ter grande fluência no idioma dos pais, limitando-se seu vocabulário ao necessário para a comunicação doméstica. Isso as faz preferir se expressar na língua do país onde vivem e a já não se identificarem muitas vezes como “portuguesas”.

Por fim, é preciso comentar a transformação da estrutura familiar, detectada tanto na Alemanha, como na Nova Inglaterra, decorrente tanto do trabalho da mulher, que passa a se sentir mais independente de seu cônjuge e a poder “mandar” mais no grupo familiar, como do fato de que muitas vezes são os filhos que aprendem mais rapidamente o idioma do país de adoção e os pais se tornam deles dependentes sempre que necessitam de sua ajuda para resolverem problemas junto às repartições públicas no país de adoção. O mesmo deve ter acontecido no Canadá, embora o texto em que se baseou para esta análise não contenha elementos suficientes que permitam fazer essa afirmação. No Brasil, a modificação da estrutura familiar e do padrão de autoridade dentro do lar ocorreu de forma mais espontânea e desapercibida das próprias mulheres, envolvidas, à medida que isso acontecia, na sociedade global.

## Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. A propos de la famille comme catégorie réalisée. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 100, p. 32-36, déc. 1993.

BRIOSCHI, L. R.; TRIGO, M. H. B. *Família, representação e cotidiano: reflexão sobre um trabalho de campo*. São Paulo: CERU, 1989. (Coleção Textos, série 2, n. 1).

BRUSCHINI, M. C. A. *Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Vértice, 1990.

CAMPOS, M. C. S. S. Mulheres alçando vôo: família e mercado de trabalho. In: LANG, A. B. S. G. (Org.). *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: CERU, 1997. p. 15-35. (Coleção Textos, série 2, n. 7).

\_\_\_\_\_. *Famílias portuguesas em São Paulo e na Renânia do Norte/Westfália*. Texto apresentado no Congresso da ABHO, Belo Horizonte, nov. 1999.

CARVALHO, M. C. B. A priorização da família na agenda da política social. In: — (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.

ENGELS, F. *Origem da família, da propriedade e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

FELDMAN-BIANCO, B.; HUSE, D. *Entre a saudade da terra e a América: memória cultural, trajetórias de vida e (re)construções de identidade feminina na intersecção cultural*. Campinas: Centro de Memória/UNICAMP, 1993.

FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. 8. ed., Rio de Janeiro: Record, 1990.

FUSCO, W. Redes familiares na emigração valadarense para os Estados Unidos. *Travessia- Revista do Imigrante*, n. 40, p. 11-16, maio/ago. 2001.

GILES, W. Re/membering the Portuguese household in Toronto: culture, contradictions and resistance. *Women's Studies International Forum*, v. 20, n. 3, p. 387-396, 1997.

HAHNER, J. E. *Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MONTEIRO, P. F. *Emigração: o eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta, 1994.

NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: um olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALoustian, S. M. *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 1997.

SALES, T. Brasil-Massachussets, cenas de um processo migratório. In: REIS, R.; SALES, T. (Orgs.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Bomtempo, 1999.

SAMARA, E. M. *Família na sociedade paulista do século XIX (1800-1860)*. 1980. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOUZA, A. C. M.. The Brazilian family. In: SMITH, T. L.; MARCHAND, A. *Brazil, portrait of half a continent*. New York: The Dryden Press, 1951.

WILLEMS, E. *A família portuguesa contemporânea*. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1955. Separata da Revista Sociologia.

**Abstract:** Many academic studies have been written on Brazilian family, but more recently only a few of them focus on Portuguese family living abroad. This study analyses trajectories and representations of Portuguese women, who are living in four different countries as a consequence of migration due to various causes. There have been analyzed oral reports of women established in the USA as well as in Canada based on two studies worked out by other researchers that were compared to the reports collected especially for this study. The analysis showed that some traits are common to these women in the four countries, what is an important sign of the Portuguese culture force, but others reveal particularities that reflect the influence of the country where the immigrants remain and into it they are integrated.

**Key-words:** Portuguese women abroad. Oral reports. Family structure. Practices and representations.